RAZÃO, EXPERIÊNCIA E VERDADE EM GASPAR FRUTUOSO

José Luís Brandão da Luz

Duas mentalidades coexistem, em paralelo, na obra de Gaspar Frutuoso[1]. O homem empenhado em conhecer o mundo natural e as dinâmicas sociais das ilhas atlânticas traz também consigo o peso duma mundividência intemporal, que debalde procura resistir à mudança do estilo de vida da sociedade. Possuído pelo desafio de procurar as razões do que acontece e observa no mundo físico e social, Frutuoso, na sua obra, reserva ao estudo das ilhas atlânticas o cuidado e a atenção que marcaram a atitude crítica dos tempos modernos. Por um lado, um olhar analítico, repleto de observações, conjeturas e experimentações, guia a curiosidade do autor a indagar os segredos e caprichos da natureza; por outro lado, a persistente e exaustiva compilação de dados e recolha de testemunhos imprimem credibilidade às descrições que nos deixou da vida social das ilhas e da sua história. A par desta atitude autónoma, de procurar no mundo as razões que lhe são imanentes, o autor envolve-se em reflexões de teor filosófico-teológico que introduzem no discurso uma dimensão transcendente, responsável não só pelo desenho duma conceção de homem, sujeito de limitações face ao Absoluto, mas também por uma normatividade intemporal que a sociedade perdeu de vista. Se a primeira componente pouca ou nenhuma interferência parece exercer na urdidura da obra historiográfica do autor, já a segunda claramente se reflete na apreciação desfavorável que faz da vida social e moral das ilhas, que diz encontrar-se em lastimável estado de degradação.

No confronto entre estes tópicos, iremos procurar na obra de Frutuoso elementos de coabitação de uma mentalidade decididamente fascinada por uma visão naturalista do mundo e pelo alcance de uma razão argumentativa, no combate a preconceitos propalados por narrativas ancestrais, e por um ideal de vida, que cultiva no seu horizonte próximo, mas que não parece causar inibições ao fulgor das suas pesquisas.

[1] Gaspar Frutuoso nasceu em Ponta Delgada em 1522, tendo sido vigário e pregador na Matriz da Ribeira Grande, durante vários anos. Estudou na Universidade de Salamanca e desenvolveu intensa atividade pastoral em Portugal antes de regressar definitivamente à sua ilha, onde se dedicou à recolha de dados e à escrita das *Saudades da Terra* e das *Saudades do Céu*, obras que deixou manuscritas e em que trabalhou até morrer, em 1591.

1. Frutuoso e Camões: partilha de um tempo

Os vários volumes que constituem a obra propriamente historiográfica de Gaspar Frutuoso são servidos por uma razão que, apoiada nas suas próprias forças, procede em consonância com os requisitos do naturalismo humanista que modelou a mentalidade dos autores do Renascimento[2]. Nas *Saudades da Terra* encontramos uma visão das ilhas construída segundo os requisitos prescritos no quadro epistemológico duma causalidade natural, ao mesmo tempo que deparamos com críticas a procedimentos desqualificados, distantes da realidade e sustentados apenas na autoridade dos antigos. São várias e profusas as referências aos animais e plantas que preenchem os diferentes espaços que descreve, e são também curiosas e circunstanciadas a descrição e explicação das ocorrências sísmicas e vulcânicas, bem como as considerações de teor geológico e as alusões a vários fenómenos climáticos. A mesma atitude transparece na abordagem das sociedades insulares que, como salienta Avelino de Meneses, «beneficia muito da exploração de documentos, fontes por excelência da reconstituição do passado, mas ainda de raro uso entre os autores quinhentistas»[3]. Os cartórios civis e eclesiásticos, assim como as obras do «douto e curioso inquiridor das verdades», João de Barros, e do «grave cronista», Damião de Góis, dispensam elementos fundamentais para os relatos do autor, que recorre também a uma "rede de investigação" para obter informações suscetíveis de suprir a insuficiência dos dados de que dispunha.

No *Livro Quinto das Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso conta a história aventurosa de dois amigos, Filomesto e Filidor, que abandonaram a sua terra por desgostos de amor. Entre as proezas protagonizadas pelos dois heróis da sua ficção novelística, refere em jeito de homenagem vários poetas seus contemporâneos, como Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão, Camões e os espanhóis Juan Boscán e Garcilaso de la Veja, estes últimos que conheceu quando estudou em Salamanca. Mostra, desta forma, acompanhar as tendências do meio cultural, em Portugal e também em Espanha,

[2] Onésimo T. Almeida, na introdução aos estudos que reuniu em *O Século dos Prodígios*, refere o pendor naturalista da obra de Gaspar Frutuoso (cf. p. 26) e, num estudo posterior, fá-lo pertencer ao número daqueles que, como Camões e Garcia de Orta, «se deixaram imbuir do novo espírito empírico e se entregaram à cata de elementos que lhes ajudassem a entender o mundo em que viviam, sobretudo o mundo físico» («Gaspar Frutuoso, um espírito moderno voltado para a experiência. A sua crítica de Platão», p. 69). Como testemunho desse «novo espírito empírico» aponta o lugar que as *Saudades da Terra* concedem ao estudo dos fenómenos geológicos e vulcânicos, assim como a crítica a que submete a ideia avançada por Platão de que os Açores seriam os vestígios da Atlântida.

[3] Avelino de Freitas de Meneses, *Gaspar Frutuoso: O Homem e a Obra*, p. 47.

revelando estar muito atento para o valor dos poetas seus contemporâneos[4]. Luís de Camões é particularmente destacado como «coroa e flor de quantos poetas floresceram», sendo-lhe dedicado um soneto a enaltecer a sua epopeia, de «grave estilo, alto e soberano» (V, XXV, 151 e152)[5]. O *Livro Quarto* da mesma obra alude igualmente à epopeia camoniana, ao tratar da genealogia da família Pacheco, dispersa pelas ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial. Diz que entronca em Duarte Pacheco, cantado em várias estrofes do Canto X como «o Aquiles Lusitano» e «o grão Pacheco ousado», de quem, escreveu Frutuoso, «aquele grande poeta Luís de Camões, nas suas *Lusíadas*, tanto trata»[6]. Maria do Céu Fraga, que sublinha a particularidade de Frutuoso ter sabido «reconhecer o valor de *Os Lusíadas*, publicados quando o cronista se instalara já nos Açores» (Maria do Céu Fraga, *ibidem*), tem vindo a sugerir também uma ligação que ultrapassa as meras referências encomiásticas e de admiração. Em intervenções orais, tem chamado a atenção para os versos da primeira quintilha da décima 22 das redondilhas *Babel e Sião*, que publicou recentemente com uma versão inédita do comentário de Faria e Sousa, pertencente à Camoniana de D. Manuel II da Biblioteca do Paço de Vila Viçosa, onde a denominação geral das obras de Frutuoso poderiam ter encontrado inspiração:

> Não é logo a saudade
> Das terras onde nasceu
> A carne, mas é do Céu,
> Daquela santa cidade,
> Donde esta alma descendeu[7].

A oposição entre «a saudade das terras» e as do Céu aparenta o mesmo alcance e significado nos dois autores, o que permite pensar na proximidade do cronista também da lírica do poeta, assim como na eventual origem da denominação da sua obra, *Saudades da Terra*, título geral dos livros de predominante pendor historiográfico, e *Saudades do Céu*, um pequeno livro de teor especulativo.

[4] Cf. Maria do Céu Fraga, «Gaspar Frutuoso: a literatura, o desterro e as saudades», pp. 684-693.

[5] Optamos por referir as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso no corpo do texto, indicando o volume, capítulo e página.

[6] Gaspar Frutuoso, *Livro Quarto das Saudades da Terra*, v. I, p. 119, cit. em Maria do Céu Fraga, *ibidem*, p. 694.

[7] Maria do Céu Fraga (ed.), *Babel e Sião. Um Manuscrito da Camoniana de D. Manuel II*, Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2021, os versos 211 a 215, p. 22.

Além das referências diretas de Frutuoso a Camões, devemos reconhecer uma sintonia de mentalidade muito marcada pela atenção aos fenómenos naturais e particular empenhamento na procura de apoio empírico para a sua explicação. Ressalta em muitos passos das *Saudades da Terra* uma confiança e um otimismo nas conjeturas e planos que a razão estabelece para empreender um conhecimento consistente da natureza, com apoio na experiência. Frutuoso partilha, assim, com Camões uma visão moderna do conhecimento da natureza, em que a experiência responde às interrogações e planos que a razão define, mas também colhemos na sua obra uma visão pessimista da sociedade, com apelo à recuperação da antiga ordem moral do mundo de que os homens se afastaram.

2. O triângulo epistemológico da Verdade

O tema da verdade surge em Gaspar Frutuoso, nos capítulos iniciais do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, no discurso de Dederva, anagrama de uma estranha e melancólica personagem de nome Verdade. De aparência descuidada, os cabelos soltos e desalinhados, despida de ornamentos, enverga um singelo vestido branco que traz no peito três frases gravadas num triângulo e dispostas como bissetrizes a partir de um "Não", inscrito no centro, em direção a cada um dos vértices dos seus três ângulos. As frases são as divisas das três potências da alma, a saber: memória, entendimento e vontade, lembrando, à memória, que não acredite em tudo o que ouve; ao entendimento, que não diga tudo o que sabe; à vontade, que não deseje tudo o que vê. A inscrição forma uma unidade, à semelhança do triângulo, que «é uma só figura e tem três cantos», e que não poderá compreender-se apenas ou pelos três lados que o compõem, ou pelos seus três ângulos. Também o homem se compreende na unidade de todas as suas faculdades, cada uma delas regulada pelo seu fim específico, mas de tal modo que a desorganização de qualquer uma delas tem reflexos no equilíbrio do todo.

O teor epistemológico da mensagem, ao mesmo tempo que enuncia a atitude própria a assumir pelo homem prudente, estabelece também os requisitos a que deve obedecer todo aquele que cultive a ciência, com sensibilidade para se «maravilhar e duvidar das coisas que vê, da qual admiração e dúvida nasce a inquirição delas, e da inquirição a experiência, e da experiência a memória, e das muitas memórias a ciência» (II, V, 36). Esta enunciação, interposta nas primeiras páginas do *Livro Segundo das Saudades da Terra*, dedicado às ilhas da Madeira e Porto Santo, assinala a singularidade da aguçada perspicácia de um «homem do mar e bom piloto,

mui entendido na arte de navegar», de nome João Damores, que mostrou ser «homem esperto nas coisas do mar e sobretudo curioso», pela forma hábil como colheu, junto de um navegador aventureiro, informações úteis que depois o conduziram, com João Gonçalves Zarco, à descoberta da ilha da Madeira, ao serviço de Portugal. As questões que formulou mostravam uma intencionalidade própria de quem pesquisa em assuntos que conhece e revelam, assim, o seu «amor à ciência ou arte que aprendera». Elas prescrevem uma certa exigência de ordem crítica que reclama a ingerência da razão na organização do conhecimento e da ação. Contrasta com a atitude dos ignorantes, incapazes de serem tocados pela curiosidade e pela dúvida, por tomarem por certas e inquestionáveis as primeiras impressões que lhes chegam. Estes, preferem viver na ilusão e no erro, recusando olhar o letreiro do seu vestido, espelho da sua natureza, que «torna feios aos que dele mal-usam», explica a Verdade à sua interlocutora, a Fama que inesperadamente a visitava. Com efeito, quem crê em tudo o que lhe dizem acaba por se aperceber como mentiroso; quem fala tudo o que sabe, por se confrontar com a sua ignorância; quem deseja tudo quanto vê, por se descobrir um simples «cubiçoso e ladrão, ao menos na vontade».

A precipitação em conceber, julgar e querer é causa de grandes erros e falsidades, mas também de pequenos erros, que se tornarão depois em «grande seminário de muitas mentiras». O entendimento, como prescreveram os filósofos, é necessário para aquilatar da autenticidade das informações que nos chegam pelos sentidos, a fim de que cada um possa, com segurança e verdade, «saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz». Quando é deixado de lado, instala-se a incerteza no que se vê e ouve, e fica o nosso discurso enganoso, «falando o que não é, nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende». Enaltece, por isso, a clarividência dos reis de Portugal e Espanha de envolverem experimentados homens de ciência na resolução das questões complexas ligadas ao tratado de Tordesilhas, que dividiu o mundo em duas metades. A dissensão relacionada com a localização das Molucas foi gerida pelo recurso a cosmógrafos, astrónomos, matemáticos e «experimentados marinheiros e sábios pilotos», formados «por ciência e longa experiência» (I, XXII, 186 e XXIV, 213), que, com o seu saber, trouxeram rigor às decisões a tomar.

3. Experiência e verdade

Frutuoso valoriza o papel da experiência, não no sentido que lhe foi atribuído pelo realismo ingénuo e o empirismo, mas pela capacidade de

suscitar dúvidas, sugerir explicações e confirmar conjeturas. Vemo-lo por isso a menorizar o que denomina por «médicos enluvados» (I, XXVI, 229), presos a conceções e procedimentos livrescos e totalmente destituídos de engenho inventivo para que das suas "boticas" se possa esperar alguma coisa de relevante. Da mesma forma, a propósito das descrições do estreito de Magalhães, refere o relato do circum-navegador português e as observações náuticas de pilotos modernos mais arrojados, que fizeram o reconhecimento da vasta zona de mar, estabelecendo o contraste com o que outros antigos afirmaram (cf. I, XXV, 217), sem o terem explorado devidamente ou sequer visitado. Demarca-se igualmente dos que aceitavam sem crítica tudo o que percebiam e opõe-se ao preconceito antigo que valorizava o conhecimento de acordo com o prestígio de quem o ostentava. Aludindo às dificuldades iniciais enfrentadas por Colombo em Castela a favor da sua expedição, denuncia a atitude discriminatória dos que pensavam que «a verdade sem mangas compridas é muito mal recebida em qualquer boda» (I, XXII, 189). Pôs, assim, em evidência o cuidado metodológico de evitar «a precipitação e a prevenção», como depois dirá Descartes, e apresentou uma noção de experiência não no sentido passivo de mera receção cumulativa de dados, mas com a função ativa de estimular a razão e procurar nela resposta às suas inquirições ou às hipóteses que formula. A exigência de adequação ou correspondência com o ser é filtrada pelo entendimento que deverá fazer intervir os seus planos, como mais tarde dirão os filósofos racionalistas, obrigando, assim, a uma leitura ou interpretação da experiência, como começavam a insistir os filósofos e sábios do Renascimento que nela procuravam resposta para as suas questões.

Ao discutir, no final do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, a suposição de que as ilhas dos Açores seriam os vestígios que tinham sobrevivido à convulsão que submergiu a lendária Atlântida, Frutuoso recorre a diversos argumentos para mostrar a inconsistência dessa suposição, pondo em questão o pouco ou nenhum crédito que a história lhe merecia, apesar de ser portadora da chancela de Platão. Alega, assim, que a prosperidade e o vigor militar que os relatos de Platão reconheciam ao fantástico continente tornavam estranho que o mesmo não tivesse sido mencionado nos registos que reportaram as navegações antigas que atravessaram as Colunas de Hércules. Acrescenta ainda que, perante feitos expansionistas tão extraordinários, seria previsível que esses povos tivessem ficado na memória histórica dos Atenienses, que os teriam combatido e impedido de avançar pelo Mediterrâneo. Frutuoso admirava-se também que o afundamento

da Atlântida, um evento de tão relevante magnitude e repercussões, que vitimou o exército ateniense, surpreendido pelo cataclismo, após ter subjugado os Atlantas no seu próprio território, tivesse passado despercebido da memória histórica dos Gregos. O mesmo se dirá dos povos Hispânicos, que lhes eram próximos, senão mesmo ligados por terra, onde o presumível evento também não mereceu qualquer alusão na obra dos seus poetas e historiadores. Frutuoso não se deixa sugestionar pelo prestígio e autoridade que revestia essa memória legendária dos egípcios, reportada por Platão em dois dos seus Diálogos, e opta pelo exame das razões que não somente afastam qualquer tipo de explicação prodigiosa para a origem das ilhas, mas abrem caminho à ponderação da importância do vulcanismo na sua formação e ao estudo geológico do solo das ilhas.

Serrano Pinto procedeu, em diferentes livros das *Saudades da Terra*, ao inventário exaustivo do que reconheceu ser os avanços pioneiros de Frutuoso na explicação das transformações que as ilhas sofreram ao longo dos tempos, em que as erupções vulcânicas lhes foram elevando o relevo e retalhando a costa. Se, para o autor açoriano, as ilhas tinham sido, na sua origem, obra da criação, não deixa de admitir, no entanto, que, antes e depois do Dilúvio, elas sofreram transformações, provocadas por agentes de ordem natural que ele procurou identificar. O ilustre geólogo da Universidade de Aveiro pôs em evidência inúmeras passagens em que Frutuoso explica a formação das rochas pela ação de violentas "explosões" (erupções) que, do interior da terra, faziam sair o "polme" (lava) e outros materiais, como pedra-pomes, terra, cinza e areia que se depositavam em várias camadas rochosas que o cronista descreve com pormenor. A descoberta de vestígios vegetais «esculpidos na rocha», em escavações efetuadas por ocasião da abertura dos alicerces para a construção da Sé de Angra, teria também vindo em reforço da ideia de que o solo das ilhas seria formado por uma sucessão de rochas vulcânicas que se sobrepuseram, por camadas, em tempos diferentes. A erupção do Pico do Sapateiro, em 1563, teria permitido mesmo perceber, de forma direta, como o arrefecimento da lava deu origem à formação do "biscoute" (basalto), o que contribuiu para rejeitar conceções extravagantes sobre a origem das ilhas. O espírito inquiridor e metódico de Frutuoso levou-o a elaborar uma primeira classificação das rochas de S. Miguel e a sondar os materiais geológicos para confirmar as suas intuições sobre a origem das rochas[8]. Podemos acompanhar a descri-

[8] Eugénio Pacheco, que trabalhou em Paris sob a orientação de Fouqué, efetuou estudos das rochas vulcânicas da ilha de S. Miguel e fez também o inventário crítico dos estudos realizados sobre geologia dos Açores, concede o maior destaque às observações e

ção das suas experiências em que, assumindo-se como "alchemista" (IV, LXXXVIII, 61), submeteu pedras a altas temperaturas, onde pode observar a sua mudança de cor, de preta para branca, bem como o aumento de volume e a aquisição duma estrutura esponjosa, que as transformava em pedra-pomes, por ação do arrefecimento.

4. A razão e os seus equívocos

O papel ativo que é requerido ao sujeito intelectual na organização do conhecimento sobressai também nos cuidados a ter com a expressão linguística da captação da experiência e do pensamento. A sintonia da expressão verbal com a realidade requer mesmo uma elaboração interior para assegurar a sua adequada tradução e exata expressão, embora esta acabe por ficar sempre aquém da realidade a que se refere. Os primeiros parágrafos do capítulo segundo das *Saudades do Céu* esforçam-se por apresentar, com passos das Escrituras, Deus como o único ser verdadeiro, conforme dá testemunho a pregação de Cristo, pelo que só Ele «alumeia todo o homem que vem a este mundo». A verdade de Deus diz o «que é certo e certíssimo», embora a forma do homem se apropriar dela e de a transmitir seja geradora de erros e equívocos, fazendo nascer a perversão, que se agrava sem medida quando se instala a dúvida nos preceitos divinos, incondicionalmente certos e irrefragáveis.

As precauções metodológicas que o autor evidenciou ao descodificar a mensagem contida no triângulo inscrito no brial da Verdade farão certamente transparecer o cuidado em conferir à obra um estilo consistente e um andamento discursivo credível, como é próprio de todo o enunciado verdadeiro, o qual se deverá apresentar como «um igual fiel da coisa e do entendimento dela e uma virtude pela qual o ser das coisas é mostrado». Todavia, as especulações metafísicas sobre a verdade, designadamente as que se referem à sua fundamentação teológica, não parecem servir o propósito que o anima, que é dar a conhecer a realidade das ilhas na sua complexa diversidade. Servirão, no entanto, um intuito especulativo e também moralizador, a que a sua condição de sacerdote não seria alheia, apontando para a necessidade de recuperar a ordem intemporal da verdade de que a sociedade de então se tinha afastado, talvez por ter preferido seguir um rumo de índole mais liberal e pragmática, ditado pelo afã das arroteias e dos trabalhos agrícolas que a absorviam.

descrições de Gaspar Frutuoso, a quem atribui a primeira classificação das rochas de S. Miguel com base na sua cor e densidade (cf. José Luís Brandão da Luz, «Eugénio Pacheco: o homem e o animal unidos pela inteligência», pp. 204-206).

O domínio da pesquisa histórica e as incursões naturalistas avançavam ao ritmo do que a recolha de elementos e a sua criteriosa interpretação iam permitindo, obedecendo aos parâmetros que guiavam a construção objetiva da nova visão do mundo. Diferente é a leitura do sentido da história, que seguia o trilho aberto pela Tradição, com a "verdade incriada" a tomar a dianteira, inspirando as sucessivas recriminações que eram dirigidas à forma desfigurada como a sociedade de então se organizava e vivia. Vale, pois, a ideia chave de que o cimento da sociedade derivava de uma ordem moral que foi degenerando, porém, no decurso da obra historiográfica do autor, assistimos, em geral, à saga de uma razão ousada na definição das suas "verdades", muito apoiada em observações e recolhas, empenhada na leitura e decifração dos segredos da natureza. Deste modo, os sucessivos andamentos da obra, pelo menos nas suas aquisições fundamentais, parecem contar apenas com a confiança que a razão deposita nas suas próprias forças, que terão sido visadas na reflexão epistemológica que ocupou o discurso de Dederva. É certo que, na fundamentação metafísica do conhecimento, Frutuoso se empenhou em acentuar o caráter limitado da acumulação do saber, que «não têm de todo cheia sua valia», mas tais reflexões não impuseram constrangimentos à progressão da obra, não assumindo relevância no apuramento das "verdades" quer na descrição da história, quer no estudo da natureza que, com persistência e método, o autor foi empreendendo por meio de recolhas e experiências que realizou. O mesmo não acontecerá na apreciação dos costumes sociais, corroídos por uma crescente deterioração, designadamente a falta de consistência dos acordos firmados entre as partes, onde se poderá perceber uma crítica à administração da justiça, em que a ordem antiga, eterna e imutável, vem ao de cima para avivar as «saudades de tanto bem perdido», quando não havia senão «cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas».

*

Gaspar Frutuoso parece assim dar acolhimento a dois tipos de exigências: as que colocam os estudos da história humana e natural sob a orientação de uma razão que segue pelos caminhos da observação dos factos, recolha de informação e sua análise, e as que colocam a orientação e compreensão da vida social e moral das pessoas sob a égide dos padrões intemporais da Escritura, que são princípio ou fonte de onde procede a verdade. O autor, não operando claramente uma distinção entre estes dois níveis, mas referindo-os indistintamente, ao abordar o tema da verdade, mostra-se, assim, na charneira de duas mundividências: a que o projeta

na modernidade abre-o decididamente à pesquisa direta do mundo natural, de que revela uma curiosidade indisfarçável; a que vem do passado e o prende à Tradição liga-o a um quadro de valores que o faz ter uma visão decadentista da história, semelhante à do *Génesis* e à do *Crítias*. As considerações de índole metafísica que desenvolve sobre a verdade pouco interferem na sua investigação historiográfica, que inclui a história natural, a não ser para impor cautelas epistemológicas na análise crítica dos dados empíricos e das hipóteses teóricas que orientam a sua investigação. Todavia, elas não deixam de ser tomadas em linha de conta para apreciar as causas de degradação do estado social das ilhas, «onde não há lugar pera onde subir; pera descer si, e este sempre o houve, porque, como a justiça da terra seja como o vinho dela, que não tem força alguma, onde não há prémio pera bons nem castigo pera maus tudo são descidas».

O juízo depreciativo que lhe merece a sociedade do seu tempo, muito por causa de um certo desenvolvimento económico que trouxe à ribalta social uma «fidalguia postiça», ignorante e insolente, sem nobreza nem cultura, tal como o *Crítias* identificou em Atenas e na Atlântida, traz consigo a lancinante saudade de uma ordem antiga, que segue em paralelo com o seu apurado espírito de naturalista e de historiador.

Referências bibliográficas

Frutuoso, Gaspar, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011.

Frutuoso, Gaspar, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1984.

Frutuoso, Gaspar, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1979.

Frutuoso, Gaspar, *Livro Quarto das Saudades da Terra*, 3 v., Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977, 1981 e 1987.

Almeida, Onésimo Teotónio, «Gaspar Frutuoso, um espírito moderno voltado para a experiência. A sua crítica de Platão», em *Diadorim*, Rio de Janeiro, 23 (2021) 2, pp. 68-77.

Almeida, Onésimo Teotónio, *O Século dos Prodígios. A Ciência no Portugal da Expansão* [2018], Lisboa: Quetzal, 3.ª ed., 2025.

Brandão da Luz, José Luís, «O tema da saudade em Gaspar Frutuoso», em *Os Açores na Filosofia e na Cultura. Estudos II*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2022, pp. 23-40.

Brandão da Luz, José Luís, «Gaspar Frutuoso e a saudade no caminho da redenção do homem», em *Os Açores na Filosofia e na Cultura. Estudos II*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2022, pp. 41-58.

Brandão da Luz, José Luís, «Eugénio Pacheco: o homem e o animal unidos pela inteligência», em *Os Açores na Filosofia e nas Ciências. Estudos I*, Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2018, pp. 201-208.

Fraga, Maria do Céu, «Gaspar Frutuoso: a literatura, o desterro e as saudades», em Isabel Almeida, Maria Isabel Rocheta e Teresa Amado (org.), *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires e Maria Vitalina Leal de Matos*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 675-703.

Meneses, Avelino de Freitas de, *Gaspar Frutuoso: O Homem e a Obra*, Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições, 2022.

Pinto, Manuel Serrano, «Gaspar Frutuoso, os Açores e a Atlântida de Platão», em *Açoreana. Revista de Estudos Açoreanos*, Sociedade Afonso Chaves, Ponta Delgada, 10 (2003) 1, pp. 193-206.

Pinto, Manuel Serrano, «Gaspar Frutuoso, portuguese volcanologist of the 16.th century», em *Açoreana. Revista de Estudos Açoreanos*, Sociedade Afonso Chaves, Ponta Delgada, 10 (2003) 1, pp. 207-226.

Pinto, Manuel Serrano, «Vulcanismo nos Açores – notas sobre as erupções históricas de São Miguel», em *Açoreana. Revista de Estudos Açoreanos*, Sociedade Afonso Chaves, Ponta Delgada, 10 (2003) 1, pp. 227- 236.